

# Seca derruba o agronegócio

» ISRAEL MEDEIROS

Entre os setores que compõem o Produto Interno Bruto (PIB), aquele que apresentou queda mais expressiva foi a agropecuária, que caiu 9% no terceiro trimestre deste ano em comparação com o mesmo período de 2020. No confronto com o mês anterior, o tombo foi de 8%. Carro-chefe das exportações brasileiras (representa quase metade do que vai para o exterior) o agronegócio sofreu, principalmente, com o período de estiagem e com o encerramento da safra de soja.

“Como ela (a soja) é a principal commodity brasileira, a produção agrícola tende a ser menor a partir do segundo semestre. Além disso, a agropecuária vem de uma base de comparação alta, já que foi a atividade que mais cresceu no período de pandemia. Para este ano, as perspectivas não foram tão positivas, em ano de bialidade negativa para o café e com a ocorrência de fatores climáticos adversos na época do plantio de alguns grãos”, explicou a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

Além disso, o país enfrentou, em 2021, a pior seca em 91 anos. Além de contribuir para a inflação, já que o custo de geração de energia ficou mais caro, a falta de chuvas diminuiu a produção, de algumas culturas com safra relevante no terceiro trimestre, como a do café (recuo de 22,4%); algodão (-17,5%); milho (-16%); laranja (-13,8%) e cana-de-açúcar (-7,6%).

No caso do café, especificamente, a falta de chuvas foi

apenas um dos causadores do problema. “(A queda) também foi ocasionada pela bialidade negativa, que é sazonal, algo normal da cultura, mas também a falta de chuva no momento do enchimento do grão, que acabou reduzindo a produção em todo o Brasil”, avaliou Renato Conchon, coordenador do Núcleo Econômico da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Já no caso da cana-de-açúcar, disse Conchon, a produção na região Centro-Sul do país foi impactada, também, por geadas e queimadas.

Segundo o Ministério da Economia, a queda de 8% da agropecuária no terceiro trimestre deste ano produziu impacto de -0,5 ponto percentual do recuo do PIB no terceiro trimestre de 2021 contra o trimestre imediatamente anterior.

Nesse caso, se a variação da agropecuária fosse zerada, o resultado seria de um crescimento do PIB entre 0,3% a 0,4%. Em nota, a pasta argumentou que é preciso separar o que é responsabilidade do governo, em termos de política econômica, e o que está fora do controle do ministério.

“É fundamental distinguir o que é política econômica de fatores climáticos adversos e pontuais da natureza. A maior crise hídrica em 90 anos de história e a ocorrência de severas geadas tiveram impacto tanto em setores intensivos em energia como em setores que dependem do clima, como agricultura. Ademais, deve-se salientar a forte elevação dos custos de produção como adubos, fertilizantes e defensivos”, finalizou.

Minervino Junior/ CB/ DA press



Fim da colheita da soja pesou, e estiagem prejudicou lavouras importantes, como café, milho, cana-de-açúcar e laranja



**Para 2021, as perspectivas não foram tão positivas, em ano de bialidade negativa para o café e com a ocorrência de fatores climáticos adversos na época do plantio de alguns grãos”**

**Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE**

## Investimentos em queda

Em meio à recessão técnica da economia, os investimentos tiveram queda pelo segundo trimestre consecutivo. Depois de cair 3% no período abril-julho, a formação bruta de capital fixo, que mede a compra de máquinas e equipamentos e a construção de fábricas e unidades produtivas, recuou 0,1% no terceiro trimestre, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A taxa de investimentos ficou em 19,4% do PIB, acima dos 16,6% registrados no mesmo período do ano passado, quando o país sentia mais intensamente os impactos da pandemia do novo coronavírus. O indicador, no entanto, está bem abaixo do

patamar de 2013, ano em que alcançou quase 21%.

Com investimentos retraídos, fica mais difícil ao país retomar um nível consistente de crescimento econômico. Devido às incertezas políticas e econômicas por aqui, investidores têm visto o Brasil com desconfiança. O país já foi referência para estrangeiros quando o assunto é economia emergente com boas perspectivas de crescimento. Especialistas apontam, no entanto, que para 2022 a tendência é de que a entrada de capital fique em suspenso, já que investidores devem querer ter certeza de como será o novo governo, a partir de 2023, para tomar decisões a

longo prazo.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) também divulgou avaliações sobre os investimentos. De acordo com o Ipea, o Indicador Mensal de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), recuou 0,8% em setembro, com relação ao mês anterior.

Já em comparação com setembro de 2020, o indicador teve alta de 13,8%. O Ipea apontou que o consumo de máquinas e equipamentos avançou 0,9% em setembro e teve queda de 2,6% com relação ao trimestre anterior, com um recuo de 2,9% nas importações. A demanda por bens nacionais, no entanto, avançou 2%. (IM)

# Consumo das famílias sobe 0,9%

Um dos principais elementos para a composição do Produto Interno Bruto (PIB), o consumo das famílias teve um incremento de 0,9% no terceiro trimestre de 2021 em comparação ao trimestre anterior. Já com relação ao mesmo período de 2020, a alta foi de 4,2%. Mesmo com a inflação ultrapassando os dois dígitos em 12 meses e o ritmo de estagnação econômica, os indicadores ficaram acima de estimativas de mercado, que apontavam para algo em torno de 0,8%.

O cenário é diferente daquele visto em 2020, quando, com a chegada da pandemia do novo coronavírus, o governo precisou apelar ao “consumo na veia” fornecendo assistência social para tentar segurar a crise que se abateu sobre o país. O Auxílio Emergencial, no entanto, chegou ao fim, mas o índice de desemprego, segundo o IBGE, recuou com relação ao fim do ano passado. Em novembro de 2020, a taxa era de 14,1% e, em novembro deste ano, recuou para 12,6%. Mesmo assim, o número de desempregados passa dos 13,5 milhões.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o resultado positivo no consumo das famílias foi influenciado pelo aumento na ocupação no

mercado de trabalho e também pela expansão da oferta de crédito a pessoas físicas. Aliado a isso, está o avanço da imunização, que já atinge mais de 63% da população com ciclo vacinal completo.

Estudos mostram que, diante de um cenário de inflação alta, quem mais sofre são os pobres, que naturalmente revertem mais sua renda para consumo. Moradora do Sol Nascente, região periférica de Brasília, a fotógrafa e manicure Jucilene da Silva Lima, 29, conta que paga as despesas de casa com a renda do trabalho e a pensão dos três filhos. “Desde que começou a pandemia, está tudo muito difícil. Na comunidade onde moro, a distribuição de cestas básicas vem ajudando muito minha família”, disse.

A carestia, segundo ela, tem sido a principal vilã do orçamento doméstico. “As coisas estão muito caras. Você vai ao mercado com R\$ 100 e não compra quase nada”, desabafou.

Quando o orçamento aperta, a tendência é de que as famílias passem a gastar mais com aquilo que é essencial. Nesse caso, a demanda pelo setor de serviços — que é obrigado a aumentar preços para acompanhar os valores praticados por fornecedores — cai.

ED ALVES/CB/DA Press



Alta de preços tem pesado nos orçamentos domésticos

O empresário Luiz Gustavo Lima, 32, dono da rede de restaurantes QG Jeitinho Caseiro explica que o mercado gastronômico é impactado diretamente pelo repasse do preço dos insumos. Isso é, os ingredientes dos pratos do cardápio.

“Nossos custos aumentaram de 5% a 10%. Impacta muito no faturamento”, disse. “Se aumentarmos proporcionalmente o preço aos clientes, teremos diminuição nas vendas”, completou.

Ainda assim, explicou o empresário, o estabelecimento repassou uma parte dos custos

aos clientes. Questionado se o público reclama da mudança dos preços, ele afirmou: “Está tão comum o aumento dos preços, sobretudo nos supermercados e até no valor da gasolina, que alguns clientes até reclamam, mas entendem”.

Para o Ministério da Economia, os números do IBGE refletem a forte recuperação do setor de serviços, que “condiz com a melhora no mercado de trabalho e aumento da mobilidade”. (IM e João Vítor Tavares\*, estagiário sob a supervisão de Odail Figueiredo)

## Estagnada, indústria sofre falta de insumos

» FERNANDA STRICKLAND

Com desempenho fraco no PIB — a produção ficou estagnada no terceiro trimestre em relação ao período imediatamente anterior —, a indústria enfrenta problemas de abastecimento de insumos e matéria primas. Levantamento da Confederação Nacional da Indústria mostra que, em outubro, o problema afetou 68% das empresas do setor. O percentual é um pouco menor do que o de 73% registrado em fevereiro. Apesar da ligeira queda, mais da metade das indústrias avaliam que o desajuste só terá fim a partir de abril de 2022.

Em 18 dos 25 setores da indústria de transformação consultados, mais de dois terços das empresas afirmaram que, mesmo negociando valores acima dos habituais, está mais difícil obter insumos no mercado doméstico ou por meio de importação.

De acordo com o gerente de Análise Econômica da CNI, Marcelo Azevedo, há pelo menos três explicações para os resultados e não há solução fácil. “Há um buraco na produção industrial que ainda não foi resolvido. A Sondagem Industrial de outubro mostrou ajuste nos estoques. É uma condição importante, necessária para resolver

o problema, mas é um primeiro passo. E esse ajuste ainda precisa se completar para uma série de setores”, explica o economista. “Além disso, temos a expansão da demanda global de uma série de produtos, com os países voltando da crise. Esses fatores seguem provocando estresse nas linhas produtivas e a escassez de diversos insumos”, completa.

Segundo Marcelo Azevedo, há ainda um outro agravante que é o elevado custo da logística, alto preço e baixa qualidade dos contêineres. “Alguns países estão buscando alternativas para esse problema dos insumos, como desenvolver fornecedores locais, mas não é algo que se faça rapidamente nem depende só da ação da vontade, e envolve custos”, avalia.

De acordo com a CNI, na construção civil o problema se agravou entre fevereiro e outubro deste ano. O percentual de construtores que disse ter dificuldade para obter insumos e matérias-primas passou de 72% para 75%. Diante disso, a expectativa de um cenário de normalização é um pouco mais pessimista, em comparação com a indústria geral: 88% acreditam que a normalização de insumos só ocorrerá em 2022 e 9% das empresas esperam que haja normalização apenas em 2023.

## É trabalho o dia todo, todo dia.

Escola Del Lago no Itapoã

Aponte a câmera do seu celular e conheça todas as obras.

